

Diáspora judaica: os judeus em Minas Gerais*

Júlia Calvo**

Resumo

A presença judaica na ocupação de Minas Gerais constitui tema da produção histórica brasileira da segunda metade do século XX. O elemento judaico desponta como participante das povoações mineiras desde o século XVII através da figura do cristão-novo, o judeu convertido em Portugal em consequência da imposição do Estado à Inquisição. O cristão-novo, importante na formação da estrutura econômica, política, social e cultural dos arraiais e vilas, ajudou a construir a feição da sociedade e a identidade mineira.

Palavras-chave: Judeus; Minas Gerais; Diáspora; Cristãos-novos; Identidade.

Minas Gerais, no seu processo histórico e social, contou com a presença de diversos grupos étnicos e culturais. Cada qual, constituído na sua própria singularidade e expressão, compartilhou da elaboração e construção da identidade mineira.

O artigo aqui apresentado trata da participação de um grupo muito significativo para a composição das Minas, já que esteve presente desde a ocupação da região, ainda no século XVII: o judeu convertido, o cristão-novo.

A reflexão sobre a presença judaica em Minas Gerais, entretanto, deve centrar-se na própria discussão do que é judeu.

Zenner (1998) define judeu como uma identidade étnica. Diferentemente de protestantes e católicos, que podem ser referidos como ex-católicos, o judeu não se torna ex-judeu.

* Parte desses estudos foi desenvolvida no projeto “Cristãos-novos na Estrada Real: subsídios para um roteiro interpretativo”, do Instituto Histórico Israelita Mineiro, com financiamento da Fapemig.

** Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, do Centro Universitário de Belo Horizonte e pesquisadora do Instituto Histórico Israelita Mineiro.

Outro ponto importante sobre os judeus em Minas Gerais é a sua situação diaspórica: apesar da diversidade física, cultural e lingüística,¹ continuavam compreendendo-se como judeus. Com o iluminismo moderno, o judeu da diáspora organiza a sua identidade entre dois pilares: a tradição, ligada à doutrina religiosa, e a modernidade, vinculada à inserção e aculturação da grande massa judaica dispersa pelos continentes.

A questão da identidade, e particularmente o problema da identidade judaica (ou bem: o que é ser judeu?), é passível de interpretação como sendo um dos conflitos que emergem do triunfo da era do Iluminismo (*Enlightenment, Aufklärung*), de situações dilemáticas entre tradição e modernidade. (ZIMMERMANN, 1998, p. 93)

Judeu é considerado um “povo” ligado ao sentimento, ora de nação, ora de grupo étnico, e tem sua identidade construída na diáspora,² quando deixou a Palestina, espalhou-se pelo mundo e passou a viver nas regiões do Mediterrâneo e Europa central.

O judaísmo não pode ser relegado somente ao plano religioso, é um modo de vida, implica a própria identidade que localiza e indica o lugar de cada judeu no mundo.³

Pela *halachá* (lei judaica), o judeu já nasce judeu quando filho de mãe judia, aquela que se torna responsável por lhe repassar os valores judaicos ainda no âmbito familiar. Ser judeu é uma identidade que o faz sentir-se como alguém que sabe quem é, conhece sua origem e compartilha com seu grupo momentos de fé e posturas de vida.

O judeu dos primeiros tempos de Brasil e de Minas Gerais tem outra base conceitual: o marranismo. Convertidos no processo moderno da aliança entre Igreja e Estado, os judeus ibéricos, denominados marranos após a conversão, dispersaram-se pela Europa, próximo ao Mar Mediterrâneo e muitos vieram viver no Brasil.

A conversão dos judeus portugueses ao cristianismo⁴ e não sua expulsão, como no caso espanhol, levou à criação de uma outra categoria: o cristão-novo,

¹ O judeu da Europa central criou um dialeto próprio, próximo ao alemão, denominado ídiche, e os judeus da península ibérica e da região mediterrânica falavam uma língua próxima ao espanhol, chamada ladino.

² Movimento de dispersão iniciado no século I d.C., durante a dominação romana na Palestina.

³ Para Michel Maffesoli, em *Tempos das tribos* (1987), o judeu representa muito bem essa noção de povo com identidade própria.

⁴ Os judeus eram tão expressivos numericamente em Portugal que, em alguns momentos, português tornou-se sinônimo de judeu.

assim chamado para diferenciar-se do cristão de nascimento, que gozava de vários privilégios na sociedade lusitana e não desejava partilhá-los com os “novos cristãos”.

A sociedade ibérica ficou dividida em dois mundos: um visível e outro secreto. A despeito das leis que proibiam os portugueses cristãos-novos de deixar Portugal, muitos deles vieram clandestinamente para a América. Esse grupo, em sua relação com o Brasil, apresentou singularidades, assim descritas por Anita Novinsky:

O marranismo foi um fenômeno heterogêneo e, em cada região, o comportamento do marrano era específico. No Rio de Janeiro, por exemplo, a população de origem judaica estava bastante misturada com a sociedade cristã. Eram os cristãos-novos do Rio mais sofisticados e educados que do resto do Brasil e tinham alcançado um padrão mais elevado de vida. O costume de apagar sua origem judaica era muito mais forte no Rio de Janeiro que entre os cristãos-novos do norte do Brasil. Mas as perseguições inquisitoriais do século XVIII trouxeram muitos de volta ao judaísmo. Os novos imigrantes de Portugal, após a descoberta das Minas, também trouxeram um florescimento do judaísmo no Brasil. Já na isolada região da Paraíba, os trabalhadores cristãos-novos das grandes plantações viviam modestamente. (NOVINSKY, 2001, p. 71)

A reflexão sobre a presença judaica em Minas Gerais constitui um dos novos problemas dos quais a história vai se ocupar com as transformações paradigmáticas iniciadas na segunda metade do século XX. A historiografia tradicional considera a participação judaica no processo brasileiro só no início do século XX, com a ampliação da imigração para o Brasil. Sabe-se hoje que os judeus, a partir do “achamento” do país, têm marcado sua presença e dado o seu tom na composição da sociedade brasileira. Hábitos culturais como usar mesa com gavetas, abençoar os filhos, lavar o corpo do morto, comer cebola e muitos outros podem ter sua raiz na influência judaica.

A amplitude do tema: ocupação das Minas Gerais

A ocupação de Minas Gerais, segundo o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, iniciou-se com o movimento de desbravamento da região pelas bandeiras paulistas.

Mas, muito antes das bandeiras oficiais (as entradas), já existiam indícios da presença de marranos na ocupação do norte de Minas. Estudiosos do Vale do Jequitinhonha, como Diogo de Vasconcelos, Marcos Fábio Martins de Oliveira, José Maria Alves Cardoso e Luciene Rodrigues da Obra destacam

vestígios de povoamento do norte de Minas Gerais anteriores ao século XVIII.⁵ Zoroastro Viana Passos também destaca a presença de cristãos-novos em Sabará quando Borba Gato assumiu as lavras de ouro.

A presença de cristãos-novos na ocupação da região mineira evidenciava-se nos costumes alimentares, nos rituais de morte, no hábito cotidiano do acender velas, usar mesas com gavetas⁶ e no simbolismo e na tradição, como lendas, superstições, medos que marcam o imaginário de cidades do interior de Minas.

Os cristãos-novos compuseram nas Minas setecentistas um segmento da população de homens livres dedicados principalmente às atividades comerciais (FERNANDES, 2000).

Os caminhos para se chegar às Minas foram muitos, na maioria das vezes picadas abertas na mata, que depois se popularizaram. Os caminhos oficiais levavam a São Paulo e ao Rio de Janeiro. Podia-se chegar a São Paulo por duas vias: transpondo-se a Serra da Mantiqueira ou descendo-se o Rio Tietê.

À capital, Rio de Janeiro,⁷ chegava-se pela rota marítima até Parati (Caminho Velho) ou por via terrestre, atravessando campos e cerrados. A via terrestre ou Caminho Novo, da qual um trecho é também conhecido como Estrada Real, construída por solicitação do governo metropolitano, partia da região chamada Ressaca, seguia pelo maciço de ligação entre a Serra da Mantiqueira e a Serra do Espinhaço (passando pelos municípios de Barbacena, Santos Dumont, Juiz de Fora, Matias Barbosa), descia pelo Rio Paraíba do Sul e daí chegava ao mar, continuando por via marítima até a Baía de Guanabara, onde estava o porto do Rio de Janeiro.

Alguns desbravadores identificados como cristãos-novos teriam entrado por São Paulo, junto com as expedições oficiais, mas uma parte significativa teria entrado por Sabará, chegando às Minas pela via interiorana, acompanhando o Rio São Francisco e depois o Rio das Velhas.

Gonçalves Salvador (1992) destaca a presença dos cristãos-novos no século XVIII, localizados “preferencialmente nas capitânicas de cima; mas, agora, no

⁵ Segundo a historiografia tradicional, o norte de Minas começou a ser ocupado quando da decadência da exploração aurífera no século XVIII.

⁶ Acredita-se que serviam para esconder a comida especial do dia-a-dia ou das festas judaicas.

⁷ O Caminho Novo, aberto por Garcia Paes, criou condições para que o Rio de Janeiro se firmasse como capital, facilitando o povoamento de Minas Gerais e promovendo o desvio dos lucros de São Paulo e o escoamento do ouro pelo porto do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro e nas Minas” (1992, p. 17). Sua origem, segundo o autor, eram a Beira e o Ninho, principalmente Braga, Porto, Lamego e Viana.

Fernandes (2000, p. 89) levanta uma documentação que mostra que a maioria dos cristãos-novos veio da Bahia e se concentrou nos hoje municípios de Serro Frio, Sabará, Pitangui, Ouro Preto, Mariana, no caminho entre Minas Gerais, Rio Grande do Norte e Bahia. O autor observa, entretanto, que os cristãos-novos estavam espalhados por todo o território mineiro, principalmente nas estradas e entradas das vilas. Salvador cita também o caminho da Bahia como preferencial:

O roteiro da Bahia, embora mais complexo, era mais fácil que os outros acima descritos, e por isto muito freqüentado, inclusive pelos mercadores de Pernambuco. Houve, no começo, diversos trilhos e estradas, mas em 1730, o governo procurou reduzir todos a um só com o objetivo de eliminar os contrabandos, o que obteve apenas em parte. O caminho oficial saía de Salvador em direção ao local denominado Franqueira, de onde se poderia ir ao arraial Matias Cardoso, ex-companheiro de Fernão Dias Pais, estabelecido como fazenda de criação no alto São Francisco, e dali se chegava às Minas. Ou, então, tomando em Franqueira o ramo da esquerda, navegasse pelo Rio Verde até o arraial do Borba, já próximo às Minas do Rio das Velhas. (SALVADOR, 1992, p. 27)

Antonil (*apud* FERNANDES, 2000) já havia indicado o caminho da Bahia como mais confortável e fácil. Esse caminho era identificado por “caminho dos emboabas”, em oposição ao caminho dos paulistas.

Outro aspecto apontado por Antonil que reforça a participação dos cristãos-novos na ocupação do território mineiro é a inexistência de capelas nos primeiros arraiais. As localidades fundadas por cristãos-velhos tinham como uma das primeiras construções a igreja, mesmo pequena e mal acabada. A ausência delas indica que, inicialmente, os cristãos-novos buscavam regiões mais afastadas, como freguesias móveis.

Lima Jr., Gonçalves Salvador e Fernandes citam a presença dos “passadores” para auxiliar os cristãos-novos, emigrados de Portugal e Espanha, a transpor as fronteiras.

Fernandes cita também a publicação, no estrangeiro, de roteiros organizados para os cristãos-novos que necessitassem fugir de suas terras para atingir as minas de ouro e diamantes (entre eles o *Itinerário Geográfico*, publicado em Sevilha, em 1732, por Francisco Torres de Brito, contendo roteiros e pontos de pouso para cristãos-novos que quisessem fugir da Inquisição espanhola).

Os percursos e itinerários, clandestinos ou oficiais, atestam que os cristãos-novos migraram para as Minas, local aparentemente mais seguro que as

regiões do Nordeste e que ofereceria condições de recebê-los. Havia uma diferença marcante entre os colonos de origem judaica e os demais: enquanto os demais tinham a intenção de explorar para depois retornar a Portugal, os cristãos-novos, com seu perfil desenraizado, não tinham intenção de voltar. Pelo contrário, viram no Brasil-colônia a oportunidade de construir raízes, de criar uma identidade própria: vinham para ficar.⁸

Gonçalves Salvador (1992) busca nos inventários as atividades exercidas pelos cristãos-novos: havia alguns sem profissão definida e artesãos. Nas profissões registradas constam as de mestre de escola, professor de meninos, curtidor de couros, sapateiro, ferreiro, alfaiate, carpinteiro. Há também os arrendatários de terra, os que emprestavam dinheiro e os donos de secos e molhados.

Segundo Fernandes (2000), os primeiros cristãos-novos que se fixaram nas Minas desenvolveram atividades secundárias como a “lavoura para manutenção” com a plantação de milho, feijão, mandioca e, mais tarde, cana-de-açúcar e arroz. Muitos foram comerciantes de ouro e pedras, arrendatários, proprietários e posseiros de fazendas, traficantes de escravos.

Conhecer a matriz judaica na colonização do Brasil é importante para conhecer a sua história e compreender a sua formação étnica. A partir do resgate do passado se fortalece a identidade. A percepção da origem auxilia a manter a ligação entre presente e passado e a compreender o nosso pertencimento a um grupo, povo ou nação. O passado nos possibilita a localização no mundo enquanto grupo que tem uma história singular e, portanto, explica a adoção de valores, aspectos culturais, símbolos, ritos e tradições. É o que nos faz compartilhar o sentimento de pertencimento e o que nos define enquanto ser.

Na perspectiva oficial, a ocupação judaica inicia-se com a abertura dos portos às nações amigas, em 1808, quando entraram no país levas de estrangeiros originários da Europa.

A maior ou menor intensidade das migrações para o Brasil e para as Minas coincide com o aumento do incentivo brasileiro para atrair estrangeiros (apoiados, por exemplo, na busca do elemento branco europeu, na metade do século XIX) e também nos fatores externos como as crises diversas e o aumento da discriminação e perseguição aos judeus, evidenciados nos vários *pogroms*⁹ e no holocausto.¹⁰

⁸ Mary Del Priore (1995) aponta que, para os cristãos-novos, o Brasil seria como a terra da promessa.

⁹ Extermínios programados que ocorreram principalmente na Rússia czarista.

¹⁰ Genocídio em escala industrial de judeus pelo nazismo, durante a Segunda Guerra Mundial.

Considerações finais: a singularidade da presença judaica em Minas Gerais

Desde o século XVII é possível constatar povoações com indícios de participação dos cristãos-novos. Esses marranos inseriram-se socialmente e auxiliaram na composição urbana mineira. Com a extração aurífera em Minas Gerais, muitos elementos, incluindo os de origem judaica (cristãos-novos), foram atraídos pela possibilidade de enriquecimento rápido e conseqüente inserção social.

A constituição de irmandades com a participação de cristãos-novos, por exemplo, é uma forma de ilustrar a busca por enraizar-se, tão importante na modernidade. Era necessário integrar-se e ser aceito pela comunidade maior. Se interessava participar da vida política, também era preciso manter a identidade. Buscavam-se, assim, formas de adaptação que vieram a compor alguns aspectos da cultura mineira atual.

Após 1702, depois do Regimento do Marquês de Pombal, que determinou que as datas de terras passariam a ser conferidas indistintamente a cristãos velhos ou novos, verificou-se o comprometimento dos cristãos-novos com a administração da região mineradora.

Evidencia-se novamente o aspecto moderno do cristão-novo em Minas. A notória mobilidade desse segmento da população e sua participação na administração da capitania indicavam a preocupação com a inserção social.

A participação em irmandades (que muitas vezes serviam como fachada para a realização de cultos judaicos) revela o aspecto subterrâneo do cristão-novo e as formas de concretização e consolidação da identidade e do espaço dos elementos de origem judaica na sociedade mineradora.

A situação do cristão-novo em Minas contrapõe-se à das outras regiões do Brasil: enquanto no Nordeste o judeu convertido vivia escondido, fazendo cerimônias e tradições que os vinculavam à identidade de judeu no âmbito privado em segredo, Minas desponta para a construção de um espaço onde uma vida subterrânea, pautada pelo privado e pelo segredo, integrava-se a uma vida pública notória, participante política e economicamente, e a uma vida social ativa.

A ocupação, densidade demográfica, formação urbana e extensão da capitania de Minas Gerais promovem uma sociedade mais dinâmica e complexa, mas também mais difícil de fiscalizar, com fronteiras mais porosas e permeáveis, criando obstáculos aos denunciadores e inquisidores do Santo Ofício.

A condição econômica privilegiada pela circulação aurífera possibilita a formação de um mercado interno significativo, segmentando ainda mais os setores médios da população e criando mecanismos para a assimilação do elemento de origem judaica na capitania: o cristão-novo ficou mais longe da situação de isolamento que caracterizava a economia agroexportadora do Nordeste brasileiro e foi fundamental na construção da economia mineradora. Foi também muito importante no deslocamento do eixo administrativo para o Rio de Janeiro, promovendo a ocupação e o escoamento do ouro e a entrada de mercadorias por essa cidade.

Novinsky (2001) destaca que o volume de bens era uma forma de ingresso dos cristãos-novos nas elites locais. No Brasil podia-se “branquear a pele” por meio da riqueza e assim “apagar a mancha” do sangue judeu.

Assim, a ocupação de Minas Gerais oferecia oportunidade de enriquecimento e ascensão social mais fácil e mais rápida que na sociedade açucareira. Os cristãos-novos, espalhados por todo o território brasileiro e no restante da América, Europa, Ásia e África, mantinham entre si uma eficiente rede de comunicação internacional para transações econômicas, facilitando seu trânsito econômico e sua entrada nas Minas. Tinham mais oportunidades porque sua rede se baseava em laços de confiança familiares. Inseriram-se na economia mineradora e, com a ascensão social promovida pelo sucesso econômico, integraram-se mais à velha cultura cristã e foram por ela absorvidos.

Em síntese, o cristão-novo, apesar do temor da Inquisição ainda persistir, esteve mais ativo na sociedade mineradora, em concordância com os ventos modernizantes vindos da Europa. O enraizamento, que localiza, identifica e sistematiza os grupos étnica e culturalmente, facilitado pela ausência de isolamento e de perseguição constante, promove maior assimilação.

Entretanto, no processo de integração e assimilação, o cristão-novo se distancia das raízes que identificam sua origem. Em contrapartida, passa a compor uma sociedade marcada pela religiosidade cristã, com a qual não se identifica nem será identificado. Mesmo participando socialmente, não será integrado, de fato, aos cristãos e, portanto, continuará sendo o “diferente” numa sociedade oficialmente cristã.

A assimilação vai ao encontro da característica de universalidade do judaísmo moderno em formação na Europa, mas não enraíza de fato, já que não cristaliza a identidade religiosa a que se propõe uma modernidade fundamentalmente doutrinária. O que acontece com os cristãos-novos em Minas é

uma constante busca de enraizamento, mas sob formas de adaptação à sociedade em formação.

Os cristãos-novos conquistam seu espaço na sociedade e se tornam peça fundamental na construção social, econômica e administrativa. Marcam a consolidação da cultura mineira, mas permanecem na fronteira, já que, como afirmou Novinsky (1973), continuam na situação de “homem dividido” (nem reconhecidamente judeu, nem reconhecidamente cristão).

Abstract

The Jewish presence during the settlement of Minas Gerais (a southeast Brazilian State) constitutes the new problems of the Brazilian historical production in the second half of the 20th century. It appears as a participant of the *mineiros* (inhabitants of Minas Gerais) settlement since the 17th century through the New Christians, Jews converted as an imposition from the state during the Inquisition in Portugal. Important elements in the economic, political, social and cultural development of the villages and towns, they helped to build up the *mineiros*' social profile and identity.

Key words: The Jews; Minas Gerais; Jewish diaspora; New Christians; Identity.

Referências

- CALAINHO, Daniela Buono. *Em nome do Santo Ofício: familiares da Inquisição portuguesa no Brasil colonial*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, Departamento de História, 1992.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Preconceito racial no Brasil Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FERNANDES, Neusa. *A Inquisição em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000.
- GORESTEIN, Lina; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *Ensaio sobre a intolerância: Inquisição, marranismo e anti-semitismo*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2002.
- HERSON, Bela. *Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500-1850)*. São Paulo: USP/FFCLH, 1985.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades tribais*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MELLO, José Antônio Gonçalves. *Gente da nação*. Recife: Mensageira, 1989.
- NOVINSKY, Anita. *Cristãos novos na Bahia*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

NOVINSKY, Anita; CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. *Inquisição: ensaios sobre mentalidade, heresias e arte*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1992.

NOVINSKY, Anita; KUPERMAN, Diane (Org.). *Ibéria-judaica: roteiros da memória*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996 (América: Raízes e Trajetórias, v. 6).

NOVINSKY, Anita. Ser marrano em Minas Gerais. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 161-176, 2001.

SALVADOR, José Gonçalves. *Os cristãos-novos em Minas Gerais durante o ciclo do ouro (1695-1755) – relações com a Inglaterra*. São Paulo: Pioneira, 1992.

SARAIVA, António José. *Inquisição e cristãos novos*. Lisboa: Estampa, 1985.

SILVA, Lína Gorenstein Ferreira da. *Heréticos e impuros – Inquisição e cristãos-novos no Rio de Janeiro (séc. XVIII)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995 (Coleção Biblioteca Carioca, v. 39).

WIZNITZER, Arnold. *Os judeus no Brasil colonial*. São Paulo: Pioneira, 1966.

WOLFF, Frieda. Resgate da memória histórica judaica no Brasil: fontes para pesquisas. In: *Boletim Informativo AHJB*, Ano VII, n. 27 – 1º quadrimestre 2003. p. 42-45.

ZIMMERMANN, Oscar. Em busca da identidade: três fragmentos. In: SLAVUTSKY, Abrão *et al.* *A paixão de ser*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 93-111.